

# Crescimento "limpo" é aposta segura

Por **Martin Wolf**

*Valor Econômico*, 25.9.14

**É possível combinar crescimento com um futuro menos arriscado ambientalmente. É irracional continuar tocando os negócios do mesmo jeito de sempre. E as mudanças que precisamos promover devem ocorrer agora. Depois será tarde demais.**

O debate sobre ações contra as mudanças climáticas está travado. Apesar de toda a conversa e das muitas conferências internacionais, incluindo um encontro de cúpula da Organização das Nações Unidas (ONU) nesta semana em Nova York, as emissões de gases causadores do efeito estufa continuam sua marcha ascendente. Será que isso pode mudar? O que se pode fazer é identificar as condições necessárias. Uma é comando. Mas a mais importante é a evidência de que combater as mudanças climáticas é compatível com a prosperidade. A possibilidade de combinar a eliminação das mudanças climáticas irreversíveis com o aumento no padrão de vida pode ajudar a transformar o debate.

Todos, com exceção dos céticos mais teimosos, têm de reconhecer que a probabilidade de mudanças climáticas irreversíveis é bem maior do que zero. O custo de comprar algum "seguro" contra esse risco também é importante. Felizmente, esses custos podem ser bem baixos, até negativos: eliminar a dependência em relação à eletricidade gerada por carvão, por exemplo, traria benefícios à saúde, assim como construir cidades mais compactas.

Esses exemplos fazem parte de um importante relatório da Comissão Mundial sobre Economia e Clima. Há cinco pontos fundamentais no documento. Primeiro, a natureza da infraestrutura que construímos nos próximos 15 anos vai determinar as chances de manter o aquecimento mundial médio em menos de 2° C. Acima desse nível, muitos cientistas acreditam que as mudanças poderiam se mostrar catastróficas. Segundo, para evitar isso, o mundo precisa começar a mudar de comportamento agora. Terceiro, nesse período, vão ser promovidos investimentos imensos em infraestrutura, que vão mudar a forma do desenvolvimento urbano, o uso da terra e os sistemas de energia. Quarto, se o mundo tomar as decisões certas, pode alcançar pelo menos metade da redução nas emissões necessárias em 2030. Por fim, mudar o padrão de investimentos e de inovações para o rumo desejado teria pouco custo econômico e muitos benefícios.

É uma mensagem encorajadora. Parte dela, claramente, faz muito sentido. O informe estima subsídios a combustíveis fósseis de US\$ 600 bilhões por ano, em comparação a subsídios de apenas US\$ 90 bilhões para energias "limpas". Isso não faz sentido. Vejamos novamente os danos feitos pelas emissões. Na China, a dependência em relação ao carvão tornou o país o maior emissor mundial de gases causadores do efeito estufa. Além do impacto no clima, o resultado é uma poluição local terrível. Reduzir a dependência de carvão reduziria a poluição local e mundial.

Um estudo do Fundo Monetário Internacional (FMI) argumenta que a taxação das emissões de carbono beneficiaria muitos países, mesmo sem levar em conta

os benefícios mundiais. Em média, indica, o preço justificado por considerações domésticas seria de US\$ 57 por tonelada nos 20 maiores emissores, muito maior do que os preços recentes no sistema de negociação da União Europeia. Faria sentido cobrar esse imposto e usar os recursos para reduzir outros impostos mais nocivos. Da mesma forma, os subsídios ao consumo, em muitos exportadores de petróleo, representam um imenso desperdício e deveriam ser eliminados de imediato.

Além disso, as áreas urbanas são responsáveis por cerca de 70% do uso de energia. Em economias emergentes, essas áreas crescem rapidamente. O informe da comissão contrasta Atlanta com Barcelona, duas cidades prósperas com populações similares. A primeira gera dez vezes mais emissões de dióxido de carbono com transporte. As cidades do futuro deveriam optar por parecer-se mais a Barcelona.

O uso da terra pode ser melhorado imensamente, enquanto se eleva a renda dos agricultores. O desmatamento descontrolado, por exemplo, não traz ganhos, mas um grande desperdício econômico e ambiental.

Por fim, na área de energia, estamos vendo declínios gigantescos no custo das fontes renováveis, em particular, na geração solar, aliados à melhora na capacidade de gerenciar fontes de energia intermitentes. As fontes renováveis e outras fontes de energia de baixa emissão de dióxido de carbono (incluindo a nuclear) poderiam, argumenta o relatório, representar metade da nova geração de eletricidade nos próximos 15 anos.

Essas transformações precisam ser alcançadas por meio de uma combinação de precificação, investimentos, promoção de inovação e planejamento (sim, planejamento - desenvolvimento urbano requer planejamento). Tudo isso também requer uma combinação de ações públicas e privadas. Nada disso é novo. O setor público sempre teve papel na provisão de infraestrutura e no apoio à inovação.

Quanto isso custaria? O informe sugere que o custo adicional dos investimentos com um futuro de baixas emissões de carbono em comparação ao atual de altas emissões seria muito pequeno. Indica, por exemplo, que o custo anual dos investimentos em infraestrutura necessária para transportes, energia, sistemas de água e cidades seria de US\$ 6 trilhões por ano. O custo adicional de uma infraestrutura de baixa emissão seria de US\$ 270 bilhões por ano. Modelos econômicos plausíveis indicam que a perda agregada de produção mundial até 2030, com a opção de baixas emissões, seria equivalente ao hiato de um ano no crescimento econômico. Os custos da crise financeira quase certamente serão muito maiores.

O informe também apresenta uma série de propostas sensatas para assegurar a transição almejada. Entre elas, a precificação apropriada do carbono, a eliminação gradual dos subsídios a combustíveis fósseis e dos incentivos à dispersão urbana sem controle, o fim do desmatamento e, não menos importante, a aceleração do processo de abandono da poluente geração de energia a carvão.

O ponto crucial, no entanto, é que um futuro de baixas emissões de carbono não precisa ser um de miséria perpétua. Com o apoio apropriado dos governos, o

mercado poderia trazer tanto uma prosperidade maior quanto um risco muito menor de desestabilização do clima. É desnecessário persistir fazendo apostas, maciças e sem proteção contra riscos, no cassino climático. É possível, em vez disso, combinar crescimento com um futuro menos arriscado ambientalmente. É irracional continuar tocando os negócios do mesmo jeito de sempre. E as mudanças que precisamos promover devem ocorrer agora. Depois será tarde demais. **(Tradução Sabino Ahumada).**